

# *ALL OVER THE PLACE*

UM COMPILADO DE DESCONEXÕES



Thiago Rodrigues dos Passos  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, dezembro de 2015.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

### CONTOS

ASSIM COMO EU .....	5
A TRAVESSIA .....	7
ELA .....	9
A CAIXA .....	11
LAÇOS .....	14
TUDO BEM? .....	15
BONECA .....	16
ENCOURAÇADOS .....	18
FELIZ CULTO AO DEUS SOL .....	20

### ROTEIRO

O CICLO .....	22
---------------	----

## APRESENTAÇÃO

Este é uma seleção de estórias compactas, com narrativas apoiadas nos universos sensoriais de diferentes personagens. O tema central dos contos é a relação da psique humana com seus meios físicos, e os possíveis impactos de suas externalizações. Há ainda, nos contos, algumas abordagens sobre o perturbador mundo do inconsciente, repleto das mais inquietantes dúvidas e as mais profundas divagações. Tudo se conecta através do inconsciente, ao mesmo tempo em que se constrói através do consciente. Nada é o que transparece na superfície.

O roteiro de temática alienígena também não foge ao tema central dos contos. Sendo conduzido essencialmente pela ambiguidade das ações dos personagens e seus conflitos internos.

*Este portfólio foi desenvolvido por Thiago Rodrigues dos Passos, para a disciplina de Escrita Criativa, da 2ª fase do curso de Cinema., pela UFSC. Todas as ilustrações são de autoria de Vitória Voltolini de Almeida, estudante de Design de Moda pela UDESC.*

*CONTOS*

## Assim como eu

*Jikininki (origem: mitologia japonesa budista):  
Jikininki são espíritos de pessoas egoístas,  
gananciosas ou maldosas, já falecidas. Diz-se  
estarem amaldiçoados a praticar a necrofagia  
(alimentar-se de cadáveres humanos).*

Eu era mais um desses que era ninguém, e era todo mundo. Eu era uma pessoa num dia de sol quando tinha sol. Uma pessoa num dia de chuva quando tinha chuva. Uma pessoa num dia de vida quando tinha vida. E a vida era estranha. A vida não era estranha porque era diferente do que eu esperava, era exatamente o contrário, era estranha por ser exatamente o que eu esperaria de uma vida. Uma vida sem vida. O oposto de vida.

Morte? Odeio rótulos. Não me considero um morto como alguns poderiam dizer. Ou zumbi, termo inventado por algum desgraçado que não sabe o valor da vida, digo... morte dedicada ao trabalho. Quem estou tentando enganar? Odeio isso que eu chamo de “trabalho”. Odiava na vida e odeio na morte. Isso, morte. Me sinto até leve em admitir. Mentira. Não sinto nada. Que merda! Quero viver.

Não sei quem me deu esse maldito nome. E isso é algo que me incomoda profundamente. Ou deveria me incomodar se eu sentisse alguma coisa. Na realidade... eu só sinto uma coisa. Uma e única. Ódio. E esse ódio não é gratuito. Afinal, que tipo de mente perversa inventaria algo como eu? Uma ironia ambulante. A morte que se alimenta da vida. A vida que se alimenta da morte. Nunca vou saber.

Parando pra pensar, eu sinto mais uma coisa além de ódio. Fome. Se eu não como, eu não posso continuar vivendo essa vida sem vida. Comer... Não fosse pelo fato de ter apenas uma opção de cardápio, até poderia ser algo bom. E é daí que vem o meu ódio. Cadáveres. Nada além disso. Nem mesmo um vinho para acompanhar. Não que fosse fazer alguma diferença.

Quando não estou comendo ou odiando, estou esperando. E essa é a parte que consome mais tempo, e que só serve para aumentar minha fome e meu ódio ainda mais. Esperar... E o pior de tudo é que a espera tem demorado cada vez mais. Ouvi dizer que o problema vem desses termos pomposos como medicina e tecnologia. A única coisa que sei sobre isso é que eles fazem parte de um novo sistema que atrapalha a distribuição de alimentos. Que merda! Quero morrer.

Esperar, odiar, comer... Parando novamente para pensar, era basicamente isso que eu fazia em vida. Exceto por uma coisa. Dormir. Ah! Como eu gostava de dormir. Isso me fez lembrar de uma coisa. Tem mais uma coisa que eu sinto: eu penso. Pensar é sentir? Se isso for verdade, ao lembrar que gostava de dormir eu sinto... saudade? Eu não sabia que eu sentia tanta coisa. Achei que para sentir tinha que estar vivo. Eu sinto menos do que eu queria e mais do que deveria. E se for tudo um sonho? Se for isso de fato, quero que alguém me acorde.

Talvez eu não goste tanto de dormir como eu imaginava. Talvez no fundo, bem no fundo dessa vida sem vida, medo seja a única coisa que eu realmente sinto. Medo da morte, da vida, das pessoas, da solidão... Mentira. Verdade. Sonho. Realidade. Sentir. Não sentir. Tanto faz. Morto ou vivo, para mim tudo sempre se resumiu em nunca ser ouvido, nunca. Nunca ser notado. Quer merda! Quero dormir.

Difícil é hoje em dia alguém ser notado com todo esse barulho. Talvez todo mundo tenha medo. Talvez, assim como eu, todos tenham o medo como o único combustível para conseguir viver essa vida sem ser visto. Sem ser ouvido. Talvez, assim como eu, muita gente já tenha desistido de morrer e fique vagueando por aí, sem nenhum objetivo. Assim como eu devem existir um infindável número de pessoas das quais seus únicos propósitos são odiar, comer, esperar e por fim, dormir. Assim como eu.



## A travessia

O mundo de luzes e sombras é o único que ele conhece. Não lembra-se exatamente quando tudo começou. A primeira coisa que lembra é de um dia ter sido rodeado por uma quantidade inestimável de seres como ele e, de repente, todo aquele caos de existências coletivas se tornar o caos individual que hoje ele é. O que isso significa? Foi sua primeira pergunta, nunca respondida, nunca esquecida. Depois desse filosófico começo, ele conheceu o tempo, e o tempo o tornou um ser questionador. Primeiro questionou o que era e para onde ia. Não perdeu muito tempo naquilo, sentia que não chegaria a lugar algum naquele caminho. As coisas começaram a ficar um tanto quanto confusas quando percebeu que sua energia acabava, não sabia como nem o porquê, mas sentiu que não era um ser tão independente quanto pensava. Uma sensação de calor intenso invadiu seu centro de existência. Desse momento em diante ele sabia que não estava sozinho. A próxima pergunta era: De onde vinha essa energia? Como de habitual, não houve resposta.

Ele era alguém. Essa talvez tenha sido sua primeira descoberta depois de tantas perguntas sem resposta. As luzes passaram a ganhar mais dimensões, mais cores, mais vida. Ele vivia. Tinha força, vontade, ímpeto, curiosidade. Sons! A existência se transformava em algo cada vez mais complexo. Não havia tempo o suficiente para decifrar tantos enigmas. Mesmo assim, sentia-se um ser cada vez mais pleno. Todas as suas necessidades eram prontamente atendidas. Havia um aparato construído para suprir toda sua demanda por energia. Sentia a realidade e era único. Não havia mais dúvidas. Ele era alguém.

Pânico! Tudo tremia e gritava e brilhava e explodia ao seu redor quando foi arrancado do seu oceano nutritivo, como gostava de chamar o caloroso e confortável lugar que vivia. Os suaves sons que conheceu em seu oceano, de repente, se transformaram em uma ensurdecadora sinfonia de ruídos. Foi abduzido, sequestrado, não sabia o que estava acontecendo. Gritava. Alguém precisava entender sua agonia. As cores começavam a tomar formas. As formas vinham em sua direção com uma frequência inquietante e imaginou que estas queriam algo de si. Não podia fazer muita coisa. Em seu oceano se movia livremente, lá tudo parecia mais pesado e difícil. O tempo continuava com ele e os seres estranhos ao seu redor começavam a ganhar forma com o

passar deste. Uma irresistível escuridão tentava invadir as janelas pelas quais ele enxergava a realidade. Era seu fim. Aquele não era o seu mundo.

As janelas transfiguradoras se abriram novamente. Aos poucos, tudo ao seu redor parece um acumulado de indefinições esperando para serem definidas. Tudo é novo a todo momento. Tudo é belo e feio ao mesmo tempo. Tudo parece estar em harmonia, mas cada instante só traz mais dúvidas, e o que é pior, mais certezas. Com um semblante absurdamente esquisito, um ser andante se dirige a ele. Parece observá-lo de forma contemplativa. Ele o questiona: Que tipo de realidade é essa? O ser responde em bizzarros sons, um tanto primitivos. Mesmo com seu elevado nível de consciência não conseguiu compreender qual era o problema ou propósito de tal criatura. As certezas eram seu maior medo, não gostava nem mesmo do cheiro delas. E algo o dizia que essas criaturas eram cheias destas. O triste era saber que ele já possuía pelo menos uma certeza: não gostava de certezas.

Os seres. Como previsto, o inundaram de certezas, tudo que mais temia. Existia uma coisa chamada mãe. Uma coisa chamada pai. Uma coisa chamada filho, que por imposição externa e absolutamente inquestionável seria ele. Pronto. Estava designada de forma definitiva a sua realidade. Ele era um ser humano, num planeta chamado Terra, que tinha todos os atributos para dar condições à vida. E ele era vida, assim como todos esses seres que passou a conhecer. Em um espaço de tempo que - como de praxe - não conseguia mensurar, esqueceu tudo que eu foi um dia. Mas sua vaga lembrança é de ter sido tudo ao mesmo tempo, não ter certeza de nada. E amava isso. Uma pena na época ele não saber o que era amor.



## Ela

Ela estava ali. Parada, dura, negra e estranha como uma pedra exótica. Nada era mais insuportável do que olhar para toda aquela arrogância envolta de oleosidade. Ela podia passar horas imóvel, estática, literalmente secando a minha vida. Exigindo e ocupando espaço. Sempre que a observo, cada instante parece um eterno e claustrofóbico mergulho naqueles sonolentos olhos. Os mesmos olhos que, inevitavelmente, invadem e arruinam todos os meus dias.

Ela estava ali. Havia morrido de todas as formas possíveis, exceto fisicamente. Aquela carcaça pesada e repugnante ainda se arrastava sem direção. Sempre sem direção. Como se nunca fizesse escolhas. Tudo era um fluxo, e qualquer fluxo servia. Suas únicas aspirações se resumiam em prestar atenção e não atrapalhar. Das poucas coisas que ela tinha, sua preferida era o grande urso rosa sem nariz. E mesmo o urso já não era mais tão importante, encontrou seu destino no chão sujo da casa, sendo chutado e arrastado para todos os lados - sua única diversão.

Ela estava ali. Mas parecia não perceber. Era só um vulto, um fenômeno, uma assombração. Sua presença importava tanto quanto os cacos de vidro do perfume barato que havia comprado há meses, que ainda residiam no chão junto ao urso. Pobre urso. Mas ninguém se importava menos com sua presença quanto eu. Em meio aquele cenário quase apocalíptico, entre as pílulas, o urso, os cacos, os olhos, o fluxo; estava eu, e ela. Ninguém mais.

Ela estava ali. Cercada de coisas e conceitos que já havia esquecido há tempos. Mesmo assim queria resistir. Precisava resistir. Ela nada tinha a oferecer, exceto seus avançados conhecimentos em mecânica quântica. Mas isso nunca importou para ninguém. Dificilmente importaria um dia... Não atrapalhar. Sua única função, única opção. Continue fazendo isso e talvez nunca precise morrer de fome - *ela vivia dizendo*. Ela vivia dizendo muitas coisas, mas ninguém escutava. Quando se cansava, resfolgava. Como agora, como ontem, como sempre.

Ela estava ali. Nua, crua, leve e linda como uma pedra exótica. Tudo que ela queria era saber o que estava sentindo. Dor, medo ou nada? - *repetia a si mesma*. Dor, medo ou nada? Eram as únicas palavras que saíam da sua boca. Da minha boca.

Ela estava ali. No coração do espelho, me encarando em desafio. Sem propósitos, sem objetivos. Queria apenas que eu a observasse. E eu o fazia.

Eu estava ali. Ninguém mais.



## A caixa

A caixa, que eu mesmo contruí do zero, era feita de uma madeira seca e pobre, com um volume mínimo e de aspecto terrível . No entanto, aquela caixa parecia um paraíso comparada a casa que passei os anos depois de ter saído do último orfanato. Eu sempre achei que os 15 anos que vivi, dividindo quartos com pessoas estranhas e comendo das refeições mais nojentas que se possa imaginar, seriam os piores da minha vida. Eu não poderia estar mais enganado...

- Quantas vezes eu já te falei para não encostar na comida enquanto não terminar a porra da lição de casa? Moleque do demônio. Maldita hora que resolvi fazer uma boa ação.

- Mas, senhor, eu não como há mais de dois dias. E eu pretendia fazer os deveres, mas estou com muitas dificuldades em matemática.

- Você ainda tem a audácia de tentar argumentar? Você não passa de um lixo! Se dependesse só de mim você já estaria longe dessa casa, seu animalzinho imundo.

No começo eu não sentia medo daquele tipo de ameaça. Eu o via apenas como um cachorro raivoso acorrentado, latindo sempre que se vê ameaçado. Existia uma pessoa naquela casa que me fazia sentir algo completamente oposto ao que o cão tentava fazer. O cão. Era o único nome que eu achava apropriado para ele na época, apesar de ter me arrependido pouco tempo depois quando ela, a quem eu até hoje chamo de mãe, resolveu adotar um filhote para eu cuidar. Não demorou um dia sequer para eu decidir: ele não merecia aquele nome.

- Está tudo bem? Você parece um pouco pálido. Aconteceu alguma coisa que eu não esteja sabendo? Seu pai me contou que você não tem feito os deveres.

- Nada aconteceu. Só estou um pouco cansado e por isso não consegui estudar. E me desculpa por ter que repetir isso, mas ele não é meu pai.

- Ele só quer o seu bem, querido. Você precisa entender que ele também trabalha demais. Talvez não tanto quanto eu porque tenho viajado muito ultimamente. Mas apesar de ele estar um pouco estressado, você sabe que ele gosta de você.

- Desculpa. Vou tentar ser mais compreensivo.

Confesso que às vezes eu tinha um pouco de pena dela. Ele provavelmente já não estava mais trabalhando há uns 4 meses pelo menos. E eu sentia que toda aquela violência progressiva não estava sendo refletida só em mim. Assim como eu, ela era uma pessoa paciente e queria sempre resolver as coisas da melhor forma possível. Mas às vezes a passividade pode ter consequências muito piores que a agressividade.

- Mãe?! O que aconteceu com ela?! ...Isso é sangue?

- Sai da frente, animalzinho! Ela caiu e machucou a cabeça, mas já vou levar para o hospital. Se enfia naquele seu quarto até eu voltar e não faz nenhuma merda.

Eu nunca havia parado para pensar no porquê de uma pessoa como eu, que tive uma educação escolar e cultural praticamente nula, passando pelos piores lugares, encontrando as piores pessoas e vivendo situações inacreditáveis de injustiça, consegui durar tanto tempo com uma mente relativamente sã. Acredito que sanidade em si é um conceito relativo. Por isso, mesmo depois de tudo, sinto que não a perdi, apenas reagi ao ambiente hostil ao qual fui submetido. E mais uma vez, sobrevivi.

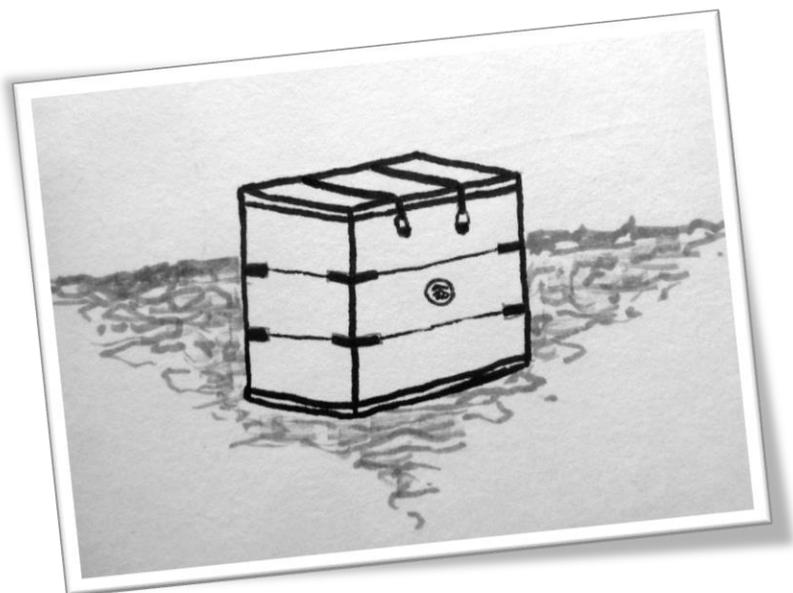
- É o seguinte, animalzinho, ela morreu. Se quiser continuar vivendo aqui às custas do seguro dela vai ter que ser do meu jeito. E se reclamar de qualquer coisa, vai aprender da pior forma o que acontece quando alguém me contraria.

Ela havia sido enganada e abusada toda sua vida e por fim assassinada a apenas alguns poucos metros de mim, de maneira absolutamente covarde e repugnante. Mas algo dentro de mim falava mais alto que aquele fato. Minhas memórias. Os dias - que chegavam a passar de três, ou quatro quando ela viajava para outro estado, aqueles belos dias que eu passava sem comer ou beber nada. Esses dias me traziam tanta clareza, minha percepção de mundo se tornava menos ofuscada, mais objetiva.

- Desculpa mãe.

Esses dias voltaram. E foram necessário sete deles; sem comida, sem bebida, sem ela; para eu conseguir construir a caixa. Talvez ficar sem comida durante sete dias não fosse tão agradável para outras pessoas como era para mim. E ele provavelmente era uma dessas pessoas. Mas lá estava ele, dentro da minha monstruosa obra-prima, no

meio de um conveniente deserto que rodeava a minha cidade. Um deserto que, aliás, não costumava ser tão agradável, seja nos dias de calor intenso com nenhum resquício de humidade, seja nas noites de frio penetrante infestadas de escorpiões.



## Laços

*Conto inspirado na obra  
"Sunlight in Cafeteria", de Edward Hopper.*

Era uma manhã de sábado, com uma agradável luz suave que irradiava entre os prédios, como muitos dos sábados que Eddie costumava acordar em hotéis. E como outros muitos sábados, ele desceu para o seu sempre pontual café da manhã. No entanto, havia uma presença inusitada nessa manhã específica. Uma mulher alta e inexpressiva, com um elegante vestido azul. Ela sentava no, ainda vazio, café da manhã do hotel. Tinha toda a sua atenção voltada para o objeto que estava em suas mãos, deixando Eddie com a impressão de que ela já estaria ali há um bom tempo.

Normalmente, ele tomaria seu café rapidamente, fumaria um cigarro e partiria para seus encontros de negócios semanais. No entanto, naquele dia, estava intrigado demais para sair daquele lugar sem ao menos saber o nome dela. Resolveu então esperar por qualquer reação de sua parte que desse qualquer sinal de abertura para uma interação. O tempo de espera pareceu ter durado uma eternidade naquele ambiente vazio e silencioso. Enfim uma singela lágrima escorreu pelo rosto da mulher ainda sem expressão. Tudo aquilo só servia para aumentar ainda mais a sua curiosidade. Quem era ela? O que estava fazendo ali? Ele precisava saber.

Com um sutil movimento de pescoço, ele finge estar observando algo do lado de fora do hotel, esperando que em algum momento seus olhares pudessem se cruzar. Ele passou a imaginar que a qualquer segundo alguém poderia entrar e estragar qualquer chance de contato. Passou, também a imaginar, como seria a textura de sua boca. Qual seria seu maior medo. Seu maior desejo. O que estaria por trás daquele rosto sem expressão. Alguém - além dela mesma - realmente saberia responder tais perguntas?

Tudo que ele imaginou, de nada serviu. Em um lampejo de instante, ela havia desaparecido. Teria ele pensado alto demais? Teria ela se assustado com um estranho e solitário publicitário - sem nenhuma chance de sucesso - a espreitando sem motivo aparente? Ela poderia ser tudo. Sua esposa, sua amante, sua chance de ser parte de uma típica história de romance hollywoodiano. Mas no fim do dia, é provável que ela tenha sido apenas mais uma de suas projeções, com promessas de um final feliz.

## Tudo bem?

Um dia qualquer, 14º, 17:44. Caminho para casa após mais um produtivo e corriqueiro dia de trabalho. Um conhecido me aborda e – de forma evidentemente desinteressada – me pergunta:

- Oi. Tudo bem?

Não lembro exatamente o porquê, mas naquele momento, muitas coisas das quais até então não havia parado para pensar, atravessam minha cabeça como uma faca:

*- Tudo bem... Espera! Tudo bem? Está realmente tudo bem? Bem para quem? Tudo é muita coisa. Como tudo pode estar bem? E alguém realmente se importa se tudo está bem? Não que houvesse essa possibilidade. Mas... tudo? Conheço pessoas que esqueceram que ainda existem, pessoas que gostam tanto da própria existência que acham que só elas existem, pessoas que tem tanto medo de existir que vivem escondidas. Pessoas. Tenho certeza que a pessoa que inventou essa pergunta deve ser totalmente alheia a questões como os cada vez mais frequentes massacres com armas de fogo, ou ao emergente mercado do tráfico de humanos, ou à alarmante escravidão no mundo contemporâneo, ou ainda à todas as formas de corrupção que ainda existem e muito provavelmente continuarão existindo durante décadas, ou séculos. Eu ainda poderia mencionar a latente xenofobia e o persistente racismo que parecem estar enraizados em boa parte da sociedade. TUDO? Misoginia. Homofobia. Intolerância religiosa com crenças não hegemônicas. Número de suicídios disparando. Aquecimento global. Estado Islâmico. Obesidade infantil. Desnutrição infantil. Animais sumindo do mapa. Florestas sumindo do mapa. Água acabando... Me diga, por favor. Quais dessas coisas por algum momento te fez pensar que tudo poderia estar bem?*

Mas tudo que eu consegui responder foi:

- Tudo ótimo! E com você? Tudo bem?

Sua resposta não me surpreende.

- Não poderia estar melhor! Vê esse dia maravilhoso?

Balanço a cabeça em condescendência e sigo a caminhada para casa, da qual retornarei para mais um daqueles produtivos e corriqueiros dias de trabalho.

## Boneca

Depois de mais um exaustivo dia de treinamentos, Ronda tenta – sem sucesso – trocar o pneu esquerdo traseiro de seu carro.

- BOSTA! Pneu filho da puta.

De repente, um outro carro se aproxima.

- Algum problema com a máquina, boneca?

- Vai circulando, malandro.

- Se quiser eu posso ser o teu malandro. O que acha?

- Está avisado.

- Uh, que nervosinha a bonequinha.

- Se me chamar disso de novo...

- Não lembra de mim não, bonequinha? Sempre depois dos treinos com a mulherada você passa toda suadinha na frente da minha oficina. Vai dizer que não percebeu? Você sabe que não precisa ter medo, não sabe?

- E quem disse que eu estou com medo?

- Ah, que joguinho é esse agora? Você sabe muito bem que só passa pelo meu trampo pra me provocar. E agora fica aí se fazendo de ofendida.

- Essa conversa já deu o que tinha que dar. Não preciso da sua ajuda. Agora vaza.

- Eu não investi todo meu salário em buquês pra ser rejeitado não. Fiz o investimento, agora quero meu retorno.

- Então foi você quem mandou aquelas merdas de flores baratas?

- Eu tô apaixonado, boneca. Dá uma chance pro teu negão. Tudo que tu precisa é de um carinho. E isso eu tenho o suficiente. Se é que você me entende.

- Último aviso. Vaza ou morre.

- Oxi, boneca agressiva. Quem vê assim pensa que não gosta de um macho. Ainda mais eu, que nem de academia preciso, tenho tudo bem definido. Empresa, casa própria, sem filhos pra incomodar, carro do ano e muita grana sobrando no banco. O que mais uma bonequinha como tu poderia querer?

- Algo que você nunca vai ter.

- Ah é? O quê? Me diz então.

- Uma boceta.

## Encouraçados

O carrinho de supermercados desce as escadarias em uma velocidade impressionante, como se nada o pudesse parar. Em cima, dois moleques – um deles com um estranho lenço cobrindo sua cabeça – com algumas sacolas cheias de compras dão gargalhadas ao desviarem-se de mais um policial. A cada degrau as expectativas aumentam, as velhinhas saindo da missa já começam a trazer as cadeiras para prestigiar o evento. Humildes senhores com suas maquininhas de pipoca surgem como se tivessem saído de baixo da terra. Falsos cambistas já cobram ingressos para o espetáculo, mesmo com o local rodeado por policiais.

E os moleques seguem implacáveis. Passam em alta velocidade pelas maquininhas, fazendo um arrastão pelas pipocas. As primeiras vans da imprensa já começam a chegar ao local. Nos *trending topics* mundiais do *twitter* já aparece em destaque: #MolequesDaEscadariaEstamosComVocês. Segundo as estimativas da polícia militar, cerca de três mil pessoas já estão no local para assistir ao evento. No entanto, algumas pessoas parecem não saber o que exatamente estaria acontecendo.

- Moleques? Ué. Achei essa era a fila para comprar ingressos da Dream Valley. - Diz um dos presentes, com uma lata de *redbull* vazio em mãos.

- É tudo culpa do PT! – Afirma um homem acompanhado de seu *pit-bull*.

Nada parece conseguir parar a astúcia dos moleques. O comércio local já registra um prejuízo enorme nos lucros do dia. Todos estão ali apenas para ver os moleques. As primeiras (sub)celebridades já começam a chegar, rodeadas por jornalistas. Alguns helicópteros do exército também já sobrevoam o local. Um repórter relata haver suspeitas de uma tentativa de golpe comunista. Nada confirmado.

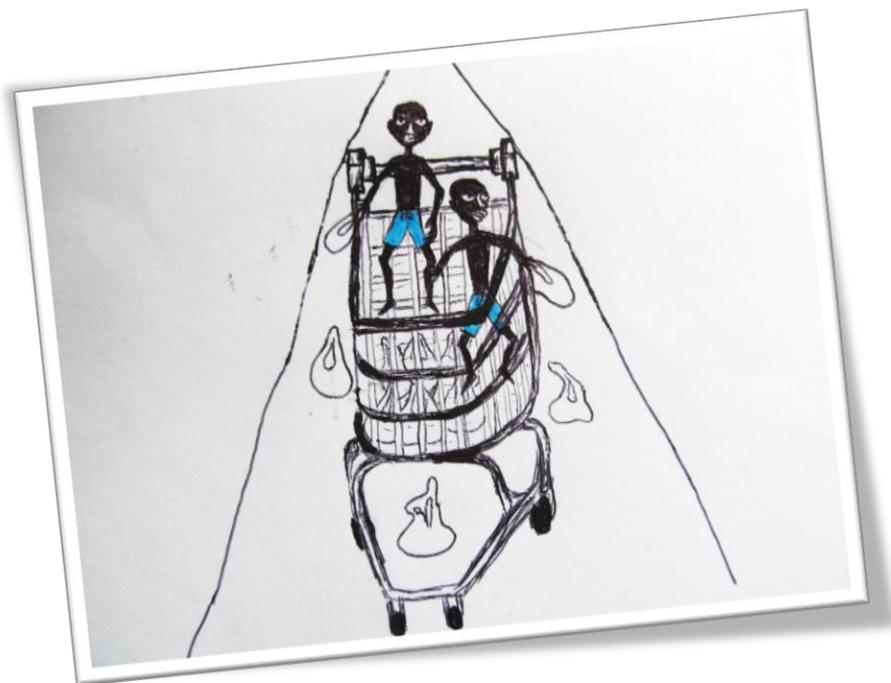
De repente, o local é invadido por um silêncio cortante.

De um dos helicópteros, sai o governador. Ele fala algo no ouvido de um dos comandantes e volta para o helicóptero, que parte em seguida. O comandante ordena que a imprensa se retire do local, mas surpreendentemente, nada acontece. Pelo contrário, ainda mais pessoas continuam chegando, subindo nos prédios com a esperança de ver qualquer coisa de interessante. Ninguém queria voltar para casa.

As compras começam a cair do carrinho. As velhinhas são as primeiras a agarrar as latas de pêssego em conserva, as embalagens de molho de tomate e as misturas para bolo. Os moleques parecem preocupados ao verem a movimentação de tanques de guerra se posicionando para atacar. Todos estão apreensivos esperando a reação de seus queridos anti-heróis. Um dos moleques resolve pular do carrinho em movimento e é violentamente esmagado por um camburão preto. O outro, olha para trás, baixa a cabeça e entende que não há saída. Assim que o carrinho desacelera por completo, os tiros começam. É o fim.

No dia seguinte, o sol raiou, o sangue secou, o carrinho voltou ao seu devido lugar. No ciclo frenético do supermercado. Ninguém mais lembrava dos moleques.

Dos moleques, ninguém mais lembrou.



## #felizcultoaodeussol

Em uma sala escura, um homem fala consigo mesmo em incansáveis monólogos:

- Natal é uma época maravilhosa. Repleta de gente sorridente querendo espalhar a paz a harmonia entre os homens. Sério, quem negaria a beleza desse momento? Os piscas-piscas nas sacadas e nas janelas parecem ganhar vida, se transformando nas nossas pequenas estrelas particulares. O vermelho vibrante predomina não só nas decorações, como também nas espetaculares propagandas da *Coca-Cola*. As crianças correm enlouquecidas para abrir os presentes na expectativa de ganhar o seu primeiro lego ou a primeira *barbie*. A magia é algo palpável.

- Se existe alguma coisa que eu poderia dizer que não - necessariamente - gosto do natal são aqueles hipócritas programas natalinos que invadem a televisão nessa época do ano, que aliás, quase me fazem sair correndo de dentro de casa. Já que mencionei, poderia falar também das irritantes canções de natal, que me perseguem em qualquer lugar que eu vá, quase como se sugassem minhas forças vitais. Mas tirando isso, o natal é, com toda certeza do mundo, o melhor dia para se estar vivo.

- Bom, talvez se não existissem esses parentes irritantes, que ficam perguntando todo o tipo de coisa sobre a minha vida, coisas que normalmente nem eu mesmo tenho certeza. Coisas como: “E o casamento? Vai sair ou não vai?” ou “Faturando muito esse ano?” É como se eles pensassem que - de alguma forma - tudo na vida se resumisse em sexo e dinheiro. Mas talvez eu esteja sendo duro demais. Afinal, nem todo mundo pensa como eu. Cada um tem a sua própria - e única - realidade.

- Ah, o Natal! Apesar de amar esse dia, eu prefiro não parar para pensar em algumas das suas quase imperceptíveis, digamos... peculiaridades. Sinceramente, existe algo mais absurdo do que ter que se submeter a isso todos os anos? Calor de 38°, árvores de natal cobertas de “neve”, e eu tendo que me vestir assim... NÃO! Não preciso me importar com essas coisas. É o meu dia favorito e ponto.

- Eu não aguento mais ter que passar todos os meus verões usando essa merda de roupa, que claramente não foi feita para esse clima tropical. Por favor, parem com essa palhaçada. Parem de se afogar na cultura dos outros países. Parem de ser máquinas de consumir e comecem a viver um pouco. Parem para pensar se a vida é só isso. Parem de enganar a si mesmos...

- Parem de fazer da minha vida um inferno!

Uma criança abre a porta e a luz irradia pela sala antes escura.

- Mamãe, por que o Papai Noel está chorando?

# *ROTEIRO*

## O CICLO

FADE IN:

**1. INT. CARRO - NOITE**

ELI (42), dirige a noite por uma longa estrada rodeada de pinheiros. Aparentemente sonolento, ele troca as estações da rádio tentando não cair no sono. As luzes dos postes oscilam levemente, como se ele estivesse próximo de uma tempestade. O rádio começa a emitir alguns estranhos chiados.

**Eli**

Merda!

**Sons do rádio**

...hoje... luzes...

**Eli**

Ah, não faz isso comigo. Logo agora...

**Sons do rádio**

Uma luz muito for... céu...

**Eli**

(olhando para o rádio)

Que ótima hora pra estragar ein?

Eli, indignado, para o carro e sai.

**2. EXT. ESTRADA - NOITE**

Aparentemente preocupado, Eli olha para todos os lados verificando se não há ninguém nos arredores. Ele então vai em direção à frente do carro. Na superfície lisa do capô, ele despeja um pó branco e organiza três fileiras simétricas. Com um plástico retirado de uma caneta, ele inala todas as fileiras em sequência.

**3. INT. CARRO - NOITE**

Aos gritos, Eli dirige sozinho, balbuciando uma música qualquer. De repente, as luzes dos postes oscilam mais forte que da última vez, até que elas se apagam por completo.

**Eli**

Era só o que me faltava.

O carro inexplicavelmente começa a desacelerar até o ponto morto. Ali arregala os olhos em espanto.

**Eli**

Que porra é essa?

Eli se mantém estático e em silêncio por alguns instantes, quando de repente um barulho ensurdecedor faz Eli se contorcer com dores na cabeça. Em seguida, uma luz intensa vinda de todos os lados quase cega-o, forçando-o a fechar os olhos. Ele abaixa a cabeça dentro do carro esperando que a confusão de som e luzes pare. Até que depois de exatos 2 minutos o barulho para e ele resolve tomar coragem para abrir os olhos.

**Eli**

CARALHO!

Pequenos seres sem rosto cercam o carro. Uma luz ainda mais forte irradia por todo o lugar.

#### **4. INT. SALA DE EXPERIMENTOS**

Eli, vagarosamente, abre os olhos. Ele parece estar em uma espécie de tanque hermético transparente, inundado com líquido viscoso que, surpreendentemente, não permite que ele se afogue. Eli tenta gritar, mas não emite som algum.

**Eli**

Bhral!!!

Aos poucos Eli relembra o que aconteceu, quando passa a ver a movimentação dos mesmos seres que o sequestrou. Inicialmente, consegue apenas ver borrões transitando e aparentemente o examinando, observando todos os seus movimentos através da transparência do tanque. Ele ouve alguns zumbidos que não consegue identificar. Tudo no local parece ser feito de luz. Eli começa a receber um grande fluxo de informações, ficando exausto rapidamente. Seus olhos então começam a pesar. Sem forças, Eli desmaia.

#### **5. INT. QUARTO DE HOSPITAL - DIA**

Eli acorda assustado em uma cama de hospital. Olha ao redor tentando se situar. Está em um quarto escuro, com apenas uma lâmpada azulada acima de sua cama. Ele tenta se levantar sem sucesso. Chama por alguém durante um tempo, mas ninguém aparece. Uma mensagem surge acima de sua cama.

**INSERT:** Holograma com a mensagem "Quebre o ciclo"

Eli solta uma risada afetada.

## **6. INT. CORREDOR DO HOSPITAL - DIA**

Uma MULHER (22) e um HOMEM (52) conversam enquanto olham através do vidro que dá de frente para o quarto de Eli.

**Mulher**

O que você acha que aconteceu com ele?

**Homem**

Bom, os testes indicaram pelo menos 3 tipos de substâncias químicas presentes em seu sangue. Incluindo cocaína e fluoxetina. Não é precipitado supor que... (interrompido)

**Mulher**

Já entendi, doutor. Há alguma previsão de quando poderemos leva-lo para casa?

**Doutor**

Sra. ELIZABETH (22), como não é a primeira vez que ele abusa de substâncias, acredito que devo recomendar uma internação. Pelo menos por enquanto. Até ele se recuperar.

**Elizabeth**

Se recuperar? Mas o que ele poderia ter feito de tão grave para você recomendar isso?

**Doutor**

Bom... Não sei se você foi informada, mas quando a polícia o encontrou, ele estava totalmente desorientado. Dizendo que "eles" o tinham levado para fazer experimentos. O Sr. Eli chegou a afirmar que "eles" pretendiam deixá-lo saudável de novo e que precisava voltar antes que "eles" fossem embora.

**Elizabeth**

Eles? Experimentos? Não estou entendendo.

**Doutor**

Eu sei o quão estranho isso soa, mas... acreditamos que ele tenha sofrido alucinações e que, de alguma forma, ele acredite que tenha sido abduzido.

**Elizabeth**

(ameaça uma risada)  
Abduzido? O meu pai?

## **7. EXT. CENTRO DE RECUPERAÇÃO - DIA**

Num campo verde e florido, Eli, sozinho, descansa sob a sombra de uma árvore. Eli, virando a cabeça de um lado para o outro, parece desconectado de si mesmo. De repente, ele fixa seu olhar em um ponto. De seu ponto de vista, vemos novamente um holograma.

**INSERT:** Holograma com a mensagem "Quebre o ciclo"

Eli, com dificuldades, começa a levantar-se da cadeira de rodas na qual estava sentado. Ele anda lentamente até o local onde avistou a mensagem. Aos poucos, ele começa a falar sozinho em sussurros.

**Eli**

Eu sei... (Pausa) sim. (Pausa) E depois disso eu estou livre?

Eli, ao se aproximar do local, olha para o céu e esboça um sorriso triste.

**Eli**

Obrigado.

Eli, se ajoelha no chão e começa a cavar com a ajuda de uma pequena faca que havia surrupiado da cozinha. De repente, Eli ouve um crescente som de passos correndo em sua direção.

**Elizabeth**

O que você está fazendo? Pare com isso!

**Eli**

(desesperado)

Vocês não entendem. Eles me escolheram.

**Elizabeth**

(impacientemente)

Pai... o que você está dizendo não faz sentido algum.

**Eli**

Eu preciso quebrar o ciclo. Você arruinou tudo!

Eli é levado, em prantos, com as mãos ainda cheias de terra. Quando olha para trás, Eli não mais vê o holograma.

**1 DIA DEPOIS:**

**8. INT. CENTRO DE RECUPERAÇÃO - DIA**

Eli está deitado novamente em uma cama, sem expressão. Enquanto isso, Elizabeth o observa preocupada.

**Elizabeth**

Por favor, me responde... o que está acontecendo? Como você ficou assim? Aposto que é tudo culpa da mamãe. Ela deve ter feito mais uma daquelas viagens sem avisar para onde ia.

Eli, sem ao menos olhar para os lados, continua num silêncio impenetrável. Elizabeth se aproxima da cama de Eli e toca em suas mãos com cuidado.

**Elizabeth**

Papai, você sempre me contou tudo. Você não tem motivo para me esconder nada.

Eli, quase que involuntariamente, vira os olhos em direção a Elizabeth.

**Eli**

Você quer mesmo saber?

**Elizabeth**

Mas é claro. Se for para te ajudar...

**Eli**

Eu fui escolhido.

**Elizabeth**

(condescendentemente)

Escolhido? Para que exatamente você foi escolhido?

**Eli**

Esquece. Você nunca vai entender.

**Elizabeth**

Não pai. Eu quero acreditar. Só queria saber mais detalhes.

Eli, receosamente, observa a expressão delicada e obstinada de Elizabeth. Novamente, ele tenta se levantar com esforço.

**Eli**

Você realmente acredita em mim?

**Elizabeth**

Sim, pai. É claro. Sempre confiei em você.

**Eli**

Então me tira desse quarto que quero te mostrar uma coisa.

**Elizabeth**

Primeiro você tem que me dizer o que você quer fazer. Não quero ter problemas com o Dr.

**Eli**

Fica tranquila. Só quero que você me leve até o lugar onde eu estava ontem.

**Elizabeth**

Promete que não vai fazer nenhuma besteira?

**Eli**

Prometo.

### **9. EXT. CENTRO DE RECUPERAÇÃO - DIA**

Eli está diante de um enorme buraco, com as mãos e roupas completamente sujas de terra.

**Eli**

(frustrado)

Eu não entendo. Era para estar aqui. Eu fiz tudo que eles me pediram. Tudo. Não faz sentido.

**Elizabeth**

Papai... (interrompida)

**Eli**

(crescente nervosismo)

Eu só precisava fazer tudo que eles pedissem, e eles iriam me curar. Não faz sentido. Não faz sentido...

**Elizabeth**

Pai, você está muito cansado. Precisa se recuperar. Eu estou muito preocupada.

Eli, visivelmente transtornado, corre em direção ao portão de entrada. Dois seguranças o cercam, deixando-o encurralado em um canto.

**Eli**

Eles não vão mais voltar. Vocês não entendem. ERA MINHA ÚLTIMA CHANCE!

Sem que os seguranças percebam, Eli retira uma faca do bolso e rasga o próprio pescoço sem hesitar. Perplexa, Elizabeth, ao entender a situação, grita em desespero.

**6 MESES DEPOIS:**

**10. INT. QUARTO. CASA DE ELIZABETH - NOITE**

O som de um relógio analógico ecoa pelo quarto. Elizabeth está sentada em frente ao computador, encarando uma foto de seu pai, Eli, em um laptop. Sem expressão, ela examina a foto, como se estivesse tentando decifrar algo. Depois de um tempo olhando obsessivamente para a foto, ela dá um soco no relógio, causando leves arranhões em sua mão. As luzes de seu quarto começam a oscilar. Sente um vento entrar pela janela ainda aberta. Vai fechar. Do lado de fora de sua casa, vê algo que chama sua atenção. Sussurra como se estivesse lendo alguma coisa. Com um olhar desconfiado e de espanto, lentamente, Elizabeth começa a andar de costas. Ao virar as costas para a janela, uma intensa luz invade todo o quarto.

FADE OUT